

Forma Livre

PERFORMANCE

Retrato

Ravena Maia

Ravena Maia

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense e graduada em Comunicação Social – Midialogia pela Unicamp. Atua principalmente nos seguintes temas: fotografia, documentário, arte e audiovisual.











(Performance "Retrato" no Ação entreVão)

- Construí um cubo onde quero fazer performances para fotografar. Mas ainda estou sem ideias sobre o que fazer e sem coragem para fotografar a mim mesma. Não tenho nada pronto.
- E por que você não apresenta uma performance sobre isso?
- Sobre o quê?
- Uma performance sobre o que você ainda não tem.

E o verbo se fez carne, ou melhor, imagem, assim eu dei um passo para idealizar e apresentar uma primeira performance chamada "Retrato".

Meu campo de atuação e reflexão sempre pertenceu ao universo da imagem fotográfica, mesmo estando próxima e admirando as artes corporais. Entretanto, tenho buscado ultimamente aproximar esses dois lugares por meio de questionamentos que levem certa presença de performatividade nos retratos e trabalhos de artes fotográficas contemporâneas. Em consequência, aceitei o desafio proposto no diálogo: colocar meu corpo em ato e experimentar essas aproximações de forma prática.

Na performance, de maneira geral, eu realizava pequenos movimentos interrompidos por longas pausas, com uso de uma cadeira, demonstrando um corpo que questiona o ato de ser visto. Ao performar, eu declarava o próprio ato de apresentar o corpo ao público, ação nova e, de certa forma, constrangedora para

mim. Para acompanhar a ação, exibia uma projeção de um vídeo com imagens fixas (autorretratos e fotografias de espaços), em que a transição se dava com uma lenta fusão. Assim, as fotografias dos espaços vazios e corpos entrelaçavam-se e somavam-se em sentidos, configurando toda a situação proposta na performance.

O detalhe é que apresento o corpo dentro de um cubo (o mesmo do diálogo inicial), numa caixa sob medida, que abriga de forma metafórica todo o conteúdo das minhas imagens. O cubo – que não havia sido utilizado como na ideia inicial, para as fotografias – serviu-me de base e de objeto cênico para expressar o processo e as tensões de me expor na performance. Entrar no cubo, no meu espaço de atuação, seria adentrar o universo das minhas questões sobre autorretratos, e é, portanto, ali que irrompe o conflito. O corpo se insere no cubo, num interior que é nu, vazado, em que se esconder torna-se mostrar. No espaço do cubo cabe o meu espaço interior, minha pergunta que se expressa em dupla performance: em performance para a câmera num tempo – da representação – e, noutro, em performance para o público – na apresentação.

No que tange à representação, as fotografias utilizadas para compor a projeção da performance foram produzidas anteriormente. Resultaram de minha primeira experiência de expor o corpo à câmera, tendo como ambiente o interior de uma casa vazia, local para onde brevemente iria me mudar. Pelos espaços vazios, pelas brechas de luz, o corpo se mostra, permitindo ver algo, clarificando minhas questões, meu olhar sobre meu corpo. Esse é o diálogo que tento estabelecer entre os espaços e meu corpo, num híbrido intensificado na projeção pelo efeito da fusão.

Todavia, as imagens com a lança foram uma segunda proposta de autorretrato, uma experimentação plástica do meu corpo com alguns objetos. A lança, colocada na projeção da performance, tornou-se então um símbolo da entrada à pesquisa imagético-corporal, o elemento que atravessa o corpo e penetra no universo poético da minha performance, impõe o problema. Como imersão, a lança na fotografia orienta o início desse percurso experimental, do corpo, da performance. Aponta à cabeça, expressando a direção que conduz a uma busca subjetiva.

Preso ao corpo, ela abre o tempo da imagem e, fora dela, o corpo se apresenta e adentra o espaço do cubo. É com esse duplo, exibindo pelos



(Performance "Retrato" no Ação entreVão)

movimentos as poses e pausas presentes na construção fotográfica do retrato, que expresso o constrangimento vivenciado frente à câmera, que igualmente repete o constrangimento de estar diante dos olhos do público. O corpo se dispôs à caixa preta ocupando uma fotografia e, agora, se dispõe num espaço ilusoriamente interior, porém diante de outros olhares.

Este trabalho performático, proposto para ser apresentado no sarau "Ação entre Vão", teve o auxílio da bailarina Nadya Moretto e a direção de Yu Miwa, cuja observação apurada lapidou minhas inquietações para que pudesse surgir uma produção concisa e significativa. O cubo, ponto de partida do diálogo, tornou-se o problema principal da minha pesquisa corporal. Que imagem esse objeto impõe? De que forma eu poderia fisicamente habitar o espaço imposto pelo cubo? A rigidez e a transparência do objeto, meu constrangimento físico agregado às referências pessoais fotográficas, todos esses fatores desenharam uma junção do movimento corporal com a ideia de pose (uma performatividade inerente ao fotográfico), da apresentação ao ato da construção representativa. A partir da pesquisa corporal da pose, decidi expor outros momentos de pose, outros tempos, isto é, as representações fotográficas do meu corpo, e disso surgiu a construção da projeção de imagens em paralelo com a apresentação da performance.

“O que significaria fazer uma performance sobre o retrato que não se tem?” Trata-se, enfim, de apresentar uma performance sobre minha experiência de pôr o corpo à mostra, a complexidade de elaborar, como fotógrafa e sujeito, a fotografia do meu próprio corpo, enquanto este mesmo corpo, simultaneamente, se prepara para elaborar uma pose frente à câmera, como retratada e objeto. Coloco-me a vivenciar a relação do duplo fotográfico: o encontro entre os dois sujeitos atuando em ambos os papéis, retratada e fotógrafa. Como um espelho, no sentido de se ver “refletido”, esta experiência desponta minha relação com meu próprio corpo, com minha identidade e com a construção de minha autoimagem. O espelho é tentador, atravessa a construção pessoal e sua relação com a imagem reflexiva; não é à toa que um dos grandes mitos ocidentais revela o Narciso obcecado pela sua bela imagem espelhada nas águas. O espelho revela a imagem de si, o que se é, ou o corpo que se tem. Revela a verdade, a realidade duplicada e, igualmente, a fantasia, a ilusão, a construção. Por isso, o par metafórico fotografia e espelho é potente dentro do imaginário social e das teorias fotográficas.

Numa relação que explora, mais que tudo, diferenças, a potência do corpo vivo frente ao corpo retratado fica clara. O corpo no cubo procura, assim como na imagem, o escape, o vã, a saída do conflito de aceitar o próprio corpo, de transpassá-lo. Na projeção, o espaço intercala-se ao corpo amplificando a expressividade do processo vivido: em momentos o corpo se funde ao espaço vazio, já noutros o vã permite entradas de luz que “iluminam” o corpo. Iluminando o corpo, talvez se veja a saída; iluminando a caixa preta fotográfica, talvez se encontre uma resposta – a lança nos dirá.

Recebido em 20/05/2015

Aprovado em 21/05/2015

Publicado em 30/06/2015